



## Aspectualização e modalização no jornal: expectativa e acontecimento

Regina Souza Gomes \*

**Resumo:** O trabalho aborda, primeiramente, as inter-relações entre modalização e aspectualização no texto jornalístico. A enunciação, ao escolher o ponto de vista a partir do qual os eventos são relatados (como virtualidades, como possibilidades, como realizados; em seu início, em seu desenrolar ou em seu fim), instaura no discurso uma aspectualização, que sobredetermina a temporalização das ações ou estados. As categorias aspectuais, então, podem ser analisadas como uma faceta da conversão em discurso das estruturas modais invariantes que explicam a lógica dos percursos narrativos. Entretanto, tratamos da aspectualização não só como discursivização das etapas modais das estruturas narrativas mas também como um processo mais amplo, concernente ao discurso, a partir da semiótica de linha tensiva (Zilberberg, 2006, 2007). Apontamos as compatibilidades e incompatibilidades das categorias modais e aspectuais no discurso, ora favorecendo o encadeamento progressivo das ações, atendendo a uma expectativa dos sujeitos, ora fazendo surgir o inesperado. Observamos, enfim, que tanto o regime implicativo, constitutivo do exercício, quanto o regime concessivo do acontecimento, que instaura a surpresa e o choque (Zilberberg, 2006), caracterizam o texto jornalístico, que busca regular esses dois regimes, modulando-os por reverberações ou antecipações dos eventos narrados nas sucessivas edições do jornal. A manutenção da curiosidade e a captação da fidelidade do leitor podem também ser explicadas como um jogo tenso desses procedimentos.

**Palavras-chave:** aspectualização modalização, acontecimento, discurso jornalístico

### Introdução

O texto jornalístico concretiza uma tensão entre a busca do inusitado que “dá notícia”, provoca a curiosidade e vende jornal (e, conseqüentemente, faz ver os produtos anunciados) e o seu ajustamento ao conhecido e ao cotidiano, à preocupação na conservação das normas sociais dominantes. Como diz Landowski (1992, p. 120):

[...] a narrativa jornalística valoriza por princípio a irrupção do inesperado, do singular, do a-normal, para, depois, tornar a situar o sensacional no fio de uma História que lhe dá seu sentido e o traz de volta à norma, à ordem das coisas previsíveis – ou seja, do “cotidiano”, que, no entanto, lhe é, a priori, como que a antítese.

A narrativa jornalística então caracteriza-se, ao mesmo tempo, pela ocorrência tanto do acontecimento, do fato excepcional, do furo de reportagem, do surpreendente quanto do esperado, do fato corriqueiro e familiar, do serviço de utilidade pública. O texto

jornalístico pode, ainda, não só enfatizar os eventos em seu desenrolar implicativo, as etapas das ações representadas mediante suas correlações lógicas, suas relações de causa e efeito, mas também capturar a atenção do leitor destacando os aspectos inusitados de uma relação concessiva entre fatos improváveis, inconciliáveis e aparentemente incompatíveis, mas que, afinal, acontecem.

Quanto ao modo de apresentar as narrativas, o jornal também controla o nível de atenção e expectativa do leitor diante dos fatos, podendo apresentá-los como já realizados, como prováveis, como ainda em andamento, como possíveis. Não é só o que ocorreu que se torna notícia, mas o que ainda pode vir a acontecer ou o que é desejado, esperado. Esse modo de concretizar os eventos nos enunciados jornalísticos imprimem uma perspectiva a partir da qual os fatos podem ser apreendidos pelo leitor: tendo como ponto de observação o seu início (ou antes disso, quando os fatos são apenas prováveis ou possíveis), a continuidade de seu andamento ou o seu fim. Ora oferecendo os fatos já concluídos ao julgamento do leitor, ora dando vazão a sua imaginação, os textos jornalísticos podem ser anal-

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ. Endereço para correspondência: ( reginagomes@letras.ufrj.br ).

isados considerando as relações entre modalização e aspectualização, observando como o arranjo desses procedimentos podem explicar as tensões entre o surgimento do inesperado e o conforto do desdobramento de uma expectativa.

Para tanto, neste artigo, analisamos notícias de jornais (tanto os considerados de referência, como O Globo, quanto os populares, a exemplo do Extra) e trabalhamos com a noção semiótica de aspectualização e modalização, abrangendo a perspectiva tensiva (Greimas&Courtés, 2008 [s/d], Fontanille, 2007; Zilberberg, 2006; 2007). Buscaremos mostrar como esses procedimentos regulam a curiosidade do leitor, capturando sua fidelidade e envolvendo-o, além de caracterizar os modos de construir narrativas sobre fatos e acontecimentos no jornal.

## 1. Aspectualização e modalização

A aspectualização, para a semiótica, pode ser considerada como uma faceta da conversão em discurso das estruturas modais invariantes mais abstratas que explicam a lógica dos percursos narrativos e passionais dos textos, sem se restringir à observação das marcas gramaticais e lexicais pontuais dos enunciados para sua apreensão. Os fatos podem ser, portanto, tomados e mostrados como já realizados, implicando um fechamento da narrativa, ou constituem enunciados que se concretizam como desejáveis ou atualizados, abertos, portanto, a uma continuidade narrativa pressuposta, como um devir. A inscrição de um observador que toma as etapas da ação como processos percebidos de um determinado ponto de vista – de seu fim, em retrospectiva, de seu começo (ou nem começada, previsão ou projeto), em prospectiva, ou em sua duração, ou seja, de modo perfectivo ou imperfectivo – instaura um leitor que precisa compartilhar dessa posição para empreender a interpretação do discurso. O observador, segundo a teoria, é um actante cognitivo encarregado do fazer receptivo e interpretativo projetado pelo sujeito da enunciação no enunciado, podendo estar implícito, recuperado pela análise, “pode estar manifestado como um ponto de observação” (Bertrand, 2003, p. 425), ou ainda estar em sincretismo com um ator do enunciado. Como se vê, a aspectualização é um procedimento de grande importância para a própria caracterização do discurso e a compreensão dos mecanismos que o constituem.

As relações entre modalização e aspectualização, apesar de apontadas, não foram exaustivamente desenvolvidas. Já é comentada no verbete *aspectualização* do *Dicionário de Semiótica* de Greimas e Courtés (2008, p.39-40), ao tratar essa categoria do ponto de vista da

conversabilidade dos enunciados narrativos como categorias temporais e processuais no discurso. Segundo ainda os mesmos autores, ao ligar-se à temporalização do discurso, a aspectualização permite apreender os enunciados narrativos em seu processo, indicando, para além da “posição” temporal do fato enunciado em relação à enunciação (anterioridade, posterioridade ou concomitância), um ponto de vista a partir do qual pode ser vista a ação em seu desenvolvimento.

Qualquer discurso temporalizado comporta duas espécies de novos investimentos produtores desses dois efeitos de sentido que são a temporalidade e a aspectualidade. O efeito de temporalidade se liga à colocação de um conjunto de categorias temporais que, dependendo da instância da enunciação, projeta no enunciado uma organização temporal de ordem topológica, ao passo que o efeito da aspectualidade resulta dos investimentos das categorias aspectuais que convertem as funções (ou predicados) dos enunciados narrativos em processo [...] (Greimas&Courtés, 2008, p. 39).

Ao abordar as modalidades do crer e do saber, Greimas afirma, por exemplo, que os atos epistêmicos, categorias de nível semio-narrativo, mais abstrato, podem ser interpretados, pela inscrição de um actante observador no nível discursivo, seja como incoativos (se implicarem uma abertura para duração, um estado de crença), seja como terminativos (pela superação de uma crença ou dúvida anterior)<sup>1</sup>.

A enunciação, ao escolher como os programas e percursos narrativos podem ou devem ser concretizados, instaura no discurso uma aspectualização, que se liga não só à temporalização das ações ou estados mas também à espacialização e à actorialização. Assim, não se restringe ao processo temporal das ações narrativas, muito menos se limita às estruturas verbais, como é comumente estudada. Segundo Greimas&Courtés (2008, p. 39),

[ ... ] compreender-se-á por aspectualização a disposição, no momento da discursivização, de um dispositivo de categorias aspectuais mediante as quais se revela a presença implícita de um actante observador. Esse procedimento parece ser geral e caracterizar os três componentes, que são a actorialização, a espacialização e a temporalização, constitutivos dos mecanismos de debreagem.

No segundo tomo do *Dicionário de Semiótica*, organizado por Greimas e Courtés (1986, p. 19-20), Bastide,

<sup>1</sup>Textualmente: “Ao nível do discurso, enfim, os programas de interpretação tomarão a forma de um processo aspectualizado: o ato epistêmico, categoria do plano semio-narrativo, será apreendido como pontual no plano discursivo: o observador poderá lê-lo seja como incoativo se prolongando num estado durativo (= estado de crença, e não mais um ato), seja como terminativo (de uma crença – ou dúvida – antiga e ultrapassada) (Greimas, 1983, p. 119).”

numa das acepções do verbete aspectualização, explica como, por exemplo, o registro por um observador da distância entre dois espaços e o percurso entre a partida de um ponto (aspecto incoativo), o transcurso (aspecto durativo) e a chegada a outro ponto do espaço (aspecto terminativo) pode descrever a aspectualização espacial. É possível também ser instaurada a partir do alcance do espaço pela visão ou pelo tato, o que permite distinguir objetos acessíveis ou inacessíveis, segundo a distância. Os obstáculos que se interpõem à visão ou ao deslocamento, constituindo divisões no espaço ou descontinuidades, também podem ser considerados na análise da espacialização.

Quanto à aspectualização actorial, considera-se a maneira de realizar uma performance, tratando-se da facilidade (por aperfeiçoamento ou amadurecimento) ou dificuldade de realização de um fazer ou mesmo comparam-se dois atores realizadores de uma mesma performance, qualificando-as diferentemente. Bertrand apresenta outro exemplo:

Podem-se, por exemplo, analisar as formas culturais do comportamento ao volante de um carro, sob o ponto de vista do aspecto: o motorista americano se instala no durativo; já o francês, obcecado desde a partida pelo final da viagem, “vive” o percurso segundo o aspecto terminativo. Esse exemplo mostra a ligação entre o aspecto e a apreensão das paixões, que são fenômenos fortemente aspectualizados (paixões iterativas, incoativas, terminativas etc.) (Bertrand, 2003, p. 416).

Tomando como objeto a citação de Bertrand, pode-se perceber que a aspectualização não diz respeito apenas a elementos que circunscrevem ou descrevem, no nível discursivo, as ações dos sujeitos, mas também se estende às estruturas modais que alteram os enunciados de ser, explicando os percursos passionais dos sujeitos.

Apesar de poder ser estudada sob o ponto de vista do espaço e dos actantes projetados no discurso, apenas nos deteremos, neste trabalho, na aspectualização temporal. Considerando o nosso objeto de estudo, o texto jornalístico, a enunciação, ao escolher como os eventos principais das notícias podem ou devem ser relatados – no seu início, no seu desenrolar ou no seu fim, como ações acabadas –, instaura no discurso uma aspectualização, que sobredetermina a temporalização das ações ou estados.

Nas gramáticas em geral e em diversos estudos sobre o aspecto, mesmo na perspectiva do discurso e do texto, é frequente que esse conceito se particularize na descrição dos verbos e se confunda com o de tempo. Como dissemos, não restringimos o estudo da aspectualização ao da temporalização e também consideramos

que é preciso distinguir os dois procedimentos. Ao converter as estruturas lógicas da narrativa em discurso, o sujeito da enunciação instaura um momento de referência a partir do qual os eventos se temporalizam numa anterioridade ou posterioridade. Os tempos verbais, os advérbios temporais e outros elementos linguísticos, se nos ativermos à manifestação linguística da linguagem, são então organizados a partir do momento da enunciação e dos pontos de referência instaurados pelo enunciador no texto.

A aspectualização pode ser percebida quando os eventos assim distribuídos temporalmente são apreendidos como processos, estruturados a partir do ponto de vista de um observador que pode tomar as ações como uma duração ou como uma totalidade, em seu desenrolar ou em determinado ponto, em seu limite. Assim, o tempo está relacionado ao procedimento dêitico de projeção enunciativa, enquanto o aspecto independe das formas dêiticas da enunciação. No entanto, longe da oposição absoluta entre o valor dêitico do tempo e não-dêitico da aspectualização, é possível identificar uma variação gradual de debreagem e embreagem que pode aproximar tempo e aspecto. Segundo Greimas e Fontanille (1991, p. 14), “Quanto mais o observador é próximo do sujeito da enunciação, quanto mais o sujeito da enunciação é implicado (por embreagem) no dispositivo aspectualizante, mais este dispositivo é portador dos efeitos de sentido temporais”.

Em termos tensivos, podemos considerar a duração temporal em sua extensão, como uma segmentação, ou em sua intensidade ou força, como demarcação, estando mais associada ao andamento que à temporalidade propriamente dita:

[...] é importante notar que a relação de dependência entre tempo e aspecto não é simples: o aspecto não depende do tempo, mas do andamento, que cifra o tempo, e as distinções aspectuais, quaisquer que sejam as denominações que elas recebam – perfeito/imperfectivo; pontual/massivo – demarcam os regimes do andamento (Zilberberg, 1991, p. 101).

O tempo ou andamento se organiza por meio das valências aceleração e desaceleração (Zilberberg, 2006, p. 61). Essas categorias graduáveis podem explicar as variedades aspectuais que caracterizam o tempo. A aceleração, ao ser confrontada com a temporalidade, encurta a duração, antecipando os eventos e fazendo sentir o processo subitamente, como uma totalidade, de maneira pontual. A desaceleração, ao contrário, estende a duração, permitindo observar os eventos em suas fases e desdobramentos, podendo o processo ser acompanhado desde o seu início até a sua conclusão – ou mesmo estender-se tão lentamente que sua duração se torna indefinível, não delimitada.

As diferenças de andamento instauradas no discorrer do processo e sentidas (e julgadas) por diferentes actantes do discurso (da enunciação e do enunciado) podem causar efeitos curiosos e característicos de certos gêneros de textos, como a notícia jornalística, conforme veremos adiante.

## 2. Aspectualização e narrativa jornalística

A análise da aspectualização como procedimento discursivo relacionado às categorias modais que dão sustentação lógica às narrativas é especialmente importante ao tratar dos textos jornalísticos. As notícias e reportagens, mesmo privilegiando certa etapa da narrativa, ao apresentar os fatos ou como realizados ou como um devir, nunca deixam de criar no leitor o que Landowski (1992, p. 119) chama de “uma perpétua expectativa sintagmática”. Isso significa que, ao distribuir a “informação em sequências”, o enunciador, mesmo relatando um acontecimento do dia, pontual e acabado, “determina, ao mesmo tempo, todo um programa virtual, que os números seguintes não poderão deixar de atualizar” (Landowski, 1992, p. 119).

A notícia “Corveta chega a Recife com mais destroços do Airbus” ilustra bem esse procedimento que leva à manutenção do vínculo entre o jornal e seu leitor, ou seja, de sua fidelidade:

A corveta Caboclo, da Marinha brasileira, chegou ontem a Recife com mais de uma centena de peças do Airbus da Air France que caiu no Atlântico, na noite de 31 de maio, com 228 pessoas a bordo. Os destroços formam um imenso quebra-cabeça com o qual os especialistas da França vão tentar desvendar as causas da queda da aeronave, cuja caixa-preta não havia sido encontrada até a tarde de ontem. O maior fragmento recolhido era a copa do avião (O Globo, 20 jun. 2009).

O primeiro parágrafo da notícia, acima transcrito, ao mesmo tempo que relata um evento terminado – a chegada da corveta com destroços de um avião que caiu no oceano –, abre uma expectativa da explicação do fato – as causas da queda da aeronave, postas como enigma a ser “desvendado” por especialistas. Desse modo, o narrador introduz no texto um “programa narrativo virtual”, ao discursivizar um querer e um dever investigar, que impulsionam a busca de um saber. Estabelece, portanto, pela conversão em discurso das modalidades anteriormente descritas, as motivações e a busca de competencialização, que inscrevem, por uma aspectualização incoativa, uma narrativa que só chegará a termo em edições posteriores do jornal.

Apesar de a notícia dar ênfase a um fato já finalizado (modo realizado da ação, dotada de aspecto perfectivo

e pontual) – o desembarque de peças do avião –, a abertura para continuidade da narrativa é reiterada posteriormente, na mesma notícia. Por exemplo, esta informa que, embora a Agência Europeia de Segurança Aérea não exija ainda a troca de sensores de velocidade nas aeronaves (equipamento que supostamente pode ter causado a queda do avião, segundo reportagens anteriores, suspeita reafirmada nessa) por falta de “elementos suficientes” para isso, “deixava ‘uma porta aberta’ para que a medida fosse tomada”.

Há notícias, no entanto, em que a principal ação narrativa somente aparece como virtualidade, como intenção, previsão, estimativa. É o caso de uma notícia publicada na Folha de S. Paulo de 23 jun. 2009, “Butantan quer produzir vacina contra a gripe suína neste ano”:

O Instituto Butantan quer iniciar a produção da vacina contra gripe suína, A (H1N1), no segundo semestre deste ano.

A intenção é que esteja disponível ainda neste ano para uso nos aeroportos de Cumbica, em Guarulhos, e Galeão, no Rio, onde se concentram os voos internacionais.

O instituto estima ter ao menos 100 mil doses disponíveis para aplicar em passageiros do mesmo voo no qual tenha viajado uma pessoa já infectada pela gripe suína [...]

Ao modalizar o principal enunciado de fazer do relato (“iniciar a produção da vacina contra gripe suína”) por um querer, e por outros lexemas que também concretizam essa modalidade (intenção, estimar), o enunciador o virtualiza, discursivizando apenas uma das condições prévias para sua realização, tornando o aspecto não-começado a tônica que determina a temporalidade de todo o texto. Apesar das motivações para a ação, os sujeitos de fazer não estão ainda dotados de uma competência que viabilizaria o início da ação e seu sucesso, como se verifica na passagem seguinte: “O Butantan e os outros laboratórios esperam o envio das cepas por parte da OMS para iniciar a produção. O tempo e a eficácia da futura vacina, contudo ainda são incógnitas.”

A falta de cepas e o lexema incógnitas que predica “o tempo e a eficácia da futura vacina” são concretizações (representações figurativas e temáticas) de um não poder fazer e um não saber ser. Impõe-se, então, no texto, um distanciamento entre um impulso inicial indispensável para o desencadeamento do processo que leva ao acabamento da ação e a sua própria realização.

Observamos, por esses exemplos, a variedade de modos de projeção das ações narrativas no texto, criando diferentes efeitos. Muitas vezes apresentadas como ações desejadas, possíveis ou hipotéticas, instituem uma certa aspectualidade na sucessão temporal dos eventos, imprimindo um ponto de vista a partir do qual

se faz ver seu processo em direção à concretização; outras vezes, em retrospectiva, as narrativas fazem pressupor o processo a partir da ação já realizada, acabada. A modalização dos enunciados que descrevem os atos pode, então, abrir-se para um leque de desdobramentos possíveis, a serem imaginados pelo leitor ou atualizados em outras edições do jornal; ou levar a seu fechamento, tornando os fatos disponíveis para julgamento do narrador e do leitor. Para este, aderir a essa posição indicada pelo enunciador é condição para a leitura do texto e sua compreensão, propiciando uma identificação e também uma “[...] captura do leitor pelo discurso: para ler, o leitor [...] deve tomar posição em relação ao campo de discurso, adotar um ponto de vista, desenvolver uma atividade perceptiva etc. Desse modo, ele já partilha, ao menos parcialmente, da identidade modal e passional dos actantes do discurso” (Fontanille, 2007, p. 185).

### 3. (In)Compatibilidades modais e aspectuais nas notícias

A ação desse observador inscrito no texto não apenas impõe um ponto a partir do qual os processos são apreendidos como também acaba por controlar as variações e encadeamentos aspectuais produzidos no discurso, criando compatibilidades e incompatibilidades. Assim, as ações podem ser mostradas em seu desdobramento, em sua duração, sem que nenhum obstáculo importante se interponha à vista. É o caso de uma notícia publicada em 3 set. 2009 no jornal Extra (“Rio aparece bem na disputa para sede dos Jogos de 2016”), que divulgava informações sobre um relatório do Comitê Olímpico Internacional quanto ao projeto da cidade do Rio para sediar a Copa. Os elogios arrolados (o projeto previa o conceito de inclusão social através do esporte, o vigor econômico do estado e a torcida de 85% dos moradores da cidade, entre outros), apesar dos desafios a serem enfrentados (“soluções na área do transporte e a necessidade de aumento da oferta de vagas pela rede hoteleira”), tornavam prováveis a continuidade da narrativa e a realização da conjunção esperada, sem que algum impedimento limitasse o caráter cursivo do percurso manifestado como inacabado.

Ao contrário, as incompatibilidades modais podem, ao converter-se em discurso, interpor limites para a continuidade das ações, manifestadas no texto como começadas, mas inacabadas, como é o caso da notícia “PAC ‘encalha’ em Belford Roxo”:

O sumiço repentino, há um mês, da equipe

que trabalha na dragagem do Canal do Outeiro – parte das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) tocadas pelo Instituto Estadual do Ambiente (Inea) – fez soar um sinal de alerta entre os moradores de Jardim Brasil, em Belford Roxo. Preocupados com a suspensão dos trabalhos de saneamento e habitação, ainda nem perto de serem concluídos, eles querem saber qual será o futuro do projeto batizado de Iguaçú (O Globo, 20 ago. 2009).

Como se vê, a uma continuidade anterior, impõe-se uma descontinuidade no processo de dragagem, figurativizado pelo ‘sumiço repentino’ da equipe de trabalhadores, um obstáculo que suspende o curso da ação. A percepção da ausência dos trabalhadores como um “sumiço repentino”, e do intervalo entre o ponto em que se encontram as obras e o seu término e conclusão, sentido como extenso, ainda acentuam a tensão que envolve a interrupção da ação tanto do ponto de vista do jornalista quanto dos moradores. Nos dois casos, ao concretizar seja uma competência seja uma incompetência para a ação, institui-se, com maior ou menor probabilidade de ocorrência, um conjunto imaginário de tramas possíveis, concorrentes, já que ainda não houve o fechamento da ação, sua conclusão.

Se as compatibilidades e incompatibilidades modais afetam a continuidade aspectual do processo, as incompatibilidades aspectuais, podendo até produzir aparentes incoerências locais, também podem alterar os valores epistêmicos quanto à realização da ação. A reportagem “Isso é coisa de bacana” (Extra, 14 ago. 2009)<sup>2</sup> concretiza no discurso o julgamento de uma ação ainda inacabada, como se estivesse realizada, fechada. Na notícia, os apartamentos do PAC no Rio são aprovados pelos futuros moradores, mesmo que ainda não estejam entregues. A antecipação do término da ação, já configurado na imaginação dos moradores (“Nossa, já estou imaginando a cor da tinta para pintar a parede, o piso que vou colocar. [...] Vou tirar onda de bacana acordando e vendo o sol nascer da janela”), inscrevem no discurso a crença forte, por parte do narrador e dos actantes do enunciado, na realização da ação. Em outra notícia, “Lixo tóxico começa a ser retirado de prédio”, analisada por Caroline Paquieli<sup>3</sup>, a incompatibilidade aspectual chega a marcar uma incoerência local:

As 17 toneladas de lixo químico armazenadas no prédio desativado do laboratório Enila, no

<sup>2</sup>Fernanda Gomes da Silva, em dissertação de Mestrado intitulada “Modalização em notícias do jornal Extra: uma abordagem semiótica” (UFRJ, 2010), por mim orientada, disponível online <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/SilvaFG.pdf>>, fez a análise dessa notícia, tratando-a do ponto de vista das modalidades epistêmicas.

<sup>3</sup>Essa notícia foi analisada por Caroline da Silva Paquieli em trabalho de iniciação científica sob minha orientação, intitulado “Modalização e aspectualização em textos jornalísticos”, apresentado na XXXI Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, na Faculdade de Letras da UFRJ, e no Centro de Letras e Artes (UFRJ, 2009).

<i>Dimensões</i>	<i>Intensidade regente</i>		<i>Extensidade regida</i>	
subdimensões→ foremas↓	andamento	tonicidade	temporalidade	espacialidade
direção	aceleração vs de- saceleração	tonificação vs atonização	foco vs apreensão	abertura vs fechamento
posição	adiantamento vs re- tardamento	superioridade vs in- ferioridade	anterioridade vs posterioridade	exterioridade vs in- terioridade
elã	rapidez vs lentidão	tonicidade vs ato- nia	brevidade vs longev- idade	deslocamento vs re- pouso

**Tabela 1**  
Grandezas tensivas

Jacaré, começaram a ser retiradas ontem, numa operação coordenada pela secretária estadual do Ambiente, Marilene Ramos, com o apoio do presidente da Feema, Axel Grael. O trabalho deve ser concluído em três dias. Ontem, foram retiradas cerca de quatro toneladas de medicamentos vencidos, que serão incinerados em Magé. [...]

A ação foi realizada em conjunto por técnicos da Feema, do Grupamento de Operação de Produtos Perigosos, da Coordenadoria Integrada de Combate aos Crimes Ambientais (Cicca) e da Defesa Civil. O lixo químico está sendo retirado e transportado [...] será levado e armazenado [...] em Magé (O Globo, 22 set. 2008, destaque nosso).

Nessa notícia, a ação simultaneamente mostrada como iniciada e ainda em andamento, inacabada (“17 toneladas de lixo químico [...] começaram a ser retiradas ontem”; “O trabalho deve ser concluído em três dias”) e acabada (“A ação foi realizada por técnicos...”), apesar do estranhamento que possa causar por romper com a lógica de continuidade esperada do fazer narrativo, longe de prejudicar a compreensão do processo, imprime um posicionamento epistêmico do narrador, tomando a finalização da ação como certa.

As variações modais e aspectuais, suas compatibilidades e suas incompatibilidades se entrecruzam, portanto, para construir no discurso diversos efeitos de sentido. Ora inscritas numa lógica implicativa, ora fundadas em interrupções, contradições e limitações, num regime mais concessivo, as narrativas jornalísticas constroem a familiaridade do cotidiano ou a surpresa dos acontecimentos inéditos e bizarros.

Sob a inserção no discurso das variações aspectuais e sua percepção pelos sujeitos, não se pode deixar de

apontar um julgamento, uma orientação, um olhar do observador que avalia as diferenças de andamento. Assim, considerando a notícia “PAC ‘encalha’ em Belford Roxo”, anteriormente comentada, ao qualificar de repentino o sumiço dos trabalhadores ou julgar as obras de saneamento como “ainda nem perto de serem concluídas”, é em relação a uma expectativa do observador concernente à duração dos eventos que o sumiço é percebido como súbito, numa compactação e aceleração do andamento que supostamente deveria ser mais lento, ou a velocidade em que as obras progridem como mais demorada que o esperado.

#### **4. Aspectualização e acontecimento no jornal**

Acolhendo no modelo teórico da semiótica a afetividade, dando-lhe um lugar de regente das categorias inteligíveis na construção do sentido dos textos, Zilberberg (2006) também toma o conceito de aspectualização de maneira mais ampla, já que as categorias tensivas, conforme propõe o semioticista, colocam em questão o sentido de um ponto de vista gradual, processual e instável, tratando-o a partir de uma aspectualidade concernente aos discursos. A tensividade coloca em relação as grandezas intensivas (relativas aos estados de alma, aliando as subdimensões da tonicidade e do andamento) e as grandezas extensivas (relativas aos estados de coisas, reunindo as subdimensões da temporalidade e espacialidade). Essas grandezas são tomadas como categorias dinâmicas e contínuas, da ordem do mais e do menos, como um “devenir ascendente ou descendente de uma intensidade” (Fiorin, 2008, p. 135), a partir do qual o aspecto é apreendido. A rede de relações podem ser representadas sinteticamente como na Tabela 1, transcrita de Zilberberg (2006, p. 61):



Considerando então a aspectualização do discurso jornalístico de modo mais amplo, é adequado começar por reproduzir o questionamento de Zilberberg em “Louvando o acontecimento”, ao tratar da problemática da veridicção a partir da estrutura mínima do dizer (dizer alguma coisa a alguém):

O que merece, o que vale a pena ser dito – seja esse dizer endereçado a outrem ou a si mesmo? Que “que” é esse? Quem, no âmago dessa “alguma coisa”, convoca, de forma irresistível, o dizer, o fazer-saber? Em virtude de que condições sou levado a pensar enfim que alguém me será grato por lhe comunicar “alguma coisa” em troca do quantum de atenção que ele me concede? (Fontanille, 2007, p. 14).

A escolha dos fatos a serem publicados nos jornais, entre tantas ocorrências mundanas, de certa forma faz ver um julgamento de um observador que concebe, num determinado evento, um excedente de acento capaz de golpear, por uma descontinuidade, o rotineiro e o corriqueiro, para torná-lo notícia. Ao ser noticiado, o evento acaba por ganhar o estatuto de um acontecimento, transforma-se em algo que merece a atenção do leitor como um fato excepcional, mas também como um fato representativo do que acontece na cidade, do estado, no país, no mundo. A decisão de noticiar uma sequência de crimes violentos na cidade cria a ilusão de necessária insegurança e risco iminente e generalizado.

Ao lado dos fatos excepcionais que dão notícia, resta discutir como os fatos banais e familiares também podem tomar a dimensão de excepcionalidade que autoriza a sua convocação para figurar entre os eventos noticiáveis.

Para a análise, tomamos como abordagem teórica as oposições acontecimento/exercício, assim como as toma Zilberberg (2006, 2007). O acontecimento, segundo o autor, “é um sincretismo compreensível como interseção dos três modos seguintes: o sobrevir para o modo de eficiência, a apreensão para o modo de existência, a concessão para o modo de junção” (Zilberberg, 2007, p. 24). O modo de eficiência diz respeito ao modo “que uma grandeza se instala num campo de presença”; nesse caso, o sobrevir é o modo inesperado em que um processo se instala, sempre por antecipação, em andamento acelerado. O modo de existência diz respeito às categorias do virtual, do realizado, do atualizado, da potencialização e da virtualização, no âmbito dos quais a apreensão ocorre como mediação entre o “sobrevir e a potencialização” (e, conseqüentemente, a memorização), indicando um sujeito marcado pelo espanto, que ao mesmo tempo “apreende e é ele mesmo apreendido por aquilo que o apreende” (Zilberberg, 2007, p. 22). O modo de junção

é relativo aos regimes de implicação e de concessão, e é este último que explica o acontecimento.

Em oposição ao acontecimento, o exercício se explica pelas categorias do conseguir no modo de eficiência, pela focalização no modo de existência e pela implicação no modo de junção, considerando essas categorias correlatas e contrárias às que caracterizam o acontecimento.

O discurso das narrativas jornalísticas tanto toma o acontecimento quanto o exercício como formas de fazer conhecer os eventos. Ora é o acontecimento que choca e espanta, ora é o fato – considerado por Zilberberg (2007, p. 16), nesse mesmo artigo, como uma forma mais fraca e menos tônica do acontecimento – que ocupam as páginas do jornal. Afinal, apesar de a própria publicação de uma história trivial qualquer como notícia já lhe emprestar um estatuto de exceção, não o faz com a mesma intensidade de um acidente e do ocasional. A regularidade faria desaparecer, no fim das contas, o acento de sentido e a novidade que dá existência ao acontecimento.

Como ilustração, tomarei apenas para a análise nessa perspectiva os periódicos populares, a exemplo de Extra. Nesse jornal, não é incomum a transformação do rotineiro, do próximo e do familiar em notícia. Em meio à excepcionalidade da ocorrência de mortes com o surgimento da gripe suína, por exemplo, torna-se notícia a preocupação corriqueira dos pais em relação à saúde dos filhos e a dúvida se, no início das aulas que se prenunciava, deveria enviar ou não seus filhos para a escola devido ao risco de contágio. Tornado objeto de difusão pela imprensa, o familiar, o próximo, o cotidiano se espetaculariza, havendo um acréscimo de intensidade (uma tonificação) no que diz respeito à importância e à difusão de uma preocupação rotineira (“Ir à aula ou não, eis a questão”, Extra, 16 ago. 2009). A transformação do cotidiano e familiar em eventual (da notícia) expande o campo confortável do conhecido ao mesmo tempo em que o inclui no estatuto das coisas notáveis, por isso noticiáveis. Ao mesmo tempo em que torna visível o que já havia caído na indiferenciação do habitual, faz com que o leitor se reconheça no veículo de comunicação, tornando familiar o que é tomado como distante, excepcional, correspondente ao mundo das notícias.

Esse movimento dinâmico, graduável, tenso entre a presença do cotidiano e do “furo” de reportagem, que caracteriza o jornal, pode ser compreendido a partir das formas de escolha e de presença das notícias no jornal popular, a exemplo de Extra, em que se percebe a regulagem e o controle do observador quanto às variações aspectuais em que os processos são apresentados e narrados.

Consideraremos dois mecanismos aspectuais que são bastantes recorrentes na regulagem da captação da atenção do enunciatário e a complexa negociação

que se estabelece no universo extenso das notícias publicadas diariamente nos jornais – o de aceleração e antecipação, por uma sobredeterminação do descontínuo sobre o contínuo, limitando-o e condensando-o, e o de desaceleração e retardamento, por uma sobredeterminação do contínuo sobre o descontínuo.

Portanto, uma das maneiras de apresentar a notícia, coadunando-se com a busca do atual, do imediato no jornal, é pela antecipação – tornam-se notícia os eventos ainda em seu desdobrar, o que não terminou de acontecer. É o caso da notícia que concretiza a sanção das obras do PAC (“Isso é coisa de bacana”, Extra, 14 ago. 2009), ainda inacabadas, ou a retirada do lixo tóxico do laboratório desativado Enila (“Lixo tóxico começa a ser retirado de prédio”, O Globo, 22 set. 2008), anteriormente comentadas. Esse procedimento pode constituir uma constante no caso da seção de divulgação científica dos jornais, que muitas vezes apresenta como terminado algum resultado provisório e parcial das pesquisas científicas em andamento, o que parece ser uma prática recorrente nesse gênero de texto.<sup>4</sup>

Os jornais podem também tornar notícia, como já comentamos, o que ainda pode acontecer, não passando de desejo, projeto ou capacidade, cujo desdobramento pode ser mostrado como propício ou não à realização da ação. As narrativas, então, abrem-se para o imprevisto e para o aleatório, ao serem oferecidas em prospectiva, deixando algum espaço à imaginação e ao questionamento do leitor, como é o caso da notícia sobre a produção de vacinas para a gripe suína pelo Butantã, já comentada.

No segundo caso, o mecanismo consiste na persistência, numa amplificação da extensão de fatos já dados como acabados sob outro ponto de vista, como uma espécie de reverberação dos acontecimentos, num movimento de sobredeterminação da continuidade sobre o descontínuo. Tome-se como ilustração uma notícia de incêndio em Copacabana, publicado no Extra em 15 ago. 2009 (“Fisioterapeuta salva vizinhos em incêndio”). A notícia descreve como se deu o salvamento de vários moradores de um prédio onde ocorreu um incêndio, entre eles o de uma senhora de 80 anos que foi obrigada a descer do prédio de 11 andares de rapel. Dois dias depois, outra notícia é publicada, tratando das impressões da idosa quanto à experiência do salvamento do incêndio, ao deixar o hospital. O inesperado detalhe, então, faz prolongar a matéria, mesmo que a ação principal já esteja concluída.

Criando o efeito de duração, a extensão das notícias por várias edições é muito comum quando os fatos são muito inesperados ou traumáticos. O deslizamento do

morro do Bumba, em Niterói, que deixou famílias inteiras soterradas, como decorrência das fortes chuvas que acometeram o Rio de Janeiro em abril de 2010, permaneceu na mídia, reiteradamente noticiado por longo tempo, com o acréscimo de pequenos detalhes do resgate. O sobrevir, tomado como espanto, persiste e exige uma demora em relação à apreensão, tornando possível a assimilação do caótico e a reinserção do sujeito no conforto do conhecido, transformando o que sobrevém em memória.

## Conclusão

Após discutir as relações entre modalização e aspectualização, no processo de converter em discurso as estruturas mais abstratas da construção do sentido, procuramos circunscrever o conceito de aspectualização, ampliando seu alcance para o discurso em geral, sem deixar de considerar a aplicação desse procedimento no âmbito do discurso enunciado, tendo em vista as narrativas jornalísticas e o seu modo de regular a atenção e captar a fidelidade de seus leitores.

O que se busca no jornal é, portanto, a regulação tensa entre a cursividade do rotineiro e a excepcionalidade admirável do acontecimento, controlando a atenção e a curiosidade dos leitores, num percurso de aproximação e distanciamento do espaço ampliado do jornal no qual se inscrevem, transitando entre o familiar e o estranho. Assim, ao mesmo tempo em que há uma tendência para a reverberação dos fatos, por seu desdobramento em posteriores edições do jornal, atendendo a uma expectativa mais ou menos implicativa, continuamente há um esforço para que não se perca muito o acento de sentido, seja na busca do detalhe ou de um ponto de vista ainda não explorados do já noticiado, seja na irrupção do surpreendente, como já havia afirmado Landowski (1992, p. 119).

O excesso de atenção que cobra o acontecimento e o furo de reportagem reclama seu contrário, o trivial e familiar que faz o leitor se reconhecer no jornal e permanecer-lhe fiel. Esse jogo de atenção se faz num movimento dinâmico e tenso que tanto espetaculariza o corriqueiro quanto faz imergir no cotidiano o que parecia inapreensível ou insuportável, em uma modulação entre a tonificação e sua mitigação. De qualquer forma, o acento de sentido, se se prolonga por muito tempo e se se estende pela totalidade das páginas do jornal, acaba por não mais exercer o regime concessivo que, por definição, caracteriza o acontecimento. ●

## Referências

<sup>4</sup>Uma análise mais detalhada do modo de inscrição da aspectualização em notícias de divulgação científica foi realizada, no âmbito do projeto de pesquisa por mim coordenado (“Modalização e aspectualização no jornal”), por Jéssica Teixeira Magalhães, em trabalho apresentado na XXXII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica na Faculdade de Letras e no Centro de Letras e Artes da UFRJ (2010) e em artigo ainda inédito da autora.



- Bertrand, Denis. 2003. *Caminhos da semiótica literária*. São Paulo: EDUSC.
- Fiorin, José Luiz. 2008. *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Lucerna. Chap. A semiótica discursiva, pages p. 121-144.
- Fontanille, Jacques. 2007. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto.
- Fontanille, Jacques (Org.). 1991. *Le discours aspectualisé*. Limoges: PULIM; Amsterdam: Benjamins.
- Greimas, Algirdas Julien. 1983. *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris: Éditions du seuil.
- Greimas, Algirdas-Julien; Courtés, Joseph. 1986. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Tome 2*. Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas-Julien; Courtés, Joseph. 2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto.
- Landowski, Eric. 1992. *A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: Pontes.
- Zilberberg, Claude. 1991. Aspectualisation et dynamique discursives. In: *Le discours aspectualisé*. Limoges: PULIM; Amsterdam: Benjamins, p. 83-104.
- Zilberberg, Claude. 2006. *Eléments de grammaire tensive*. Limoges: PULIM.
- Zilberberg, Claude. 2007. Louvando o acontecimento. *Revista Galáxia*, n. 13, p. 13-28.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Gomes, Regina Souza

Aspectualisation et modalisation dans le journal : l'attente et l'événement

*Estudos Semióticos*, vol. 8, n. 2 (2012)

ISSN 1980-4016

---

**Abstract:** *Le travail traite d'abord des interrelations entre modalisation et aspectualisation dans le texte journalistique. L'énonciation, en choisissant le point de vue à partir duquel les événements sont relatés (virtualisés, potentialisés ou réalisés ; au début, dans leur déroulement ou à la fin), instaure dans le discours une aspectualisation qui surdétermine la temporalisation des actions ou des états. Les catégories aspectuelles peuvent donc être analysées comme une facette de la mise en discours des structures modales invariables qui expliquent la logique des parcours narratifs. Cependant, nous abordons l'aspectualisation non seulement comme mise en discours des étapes modales des structures narratives, mais aussi comme un procès plus ample, concernant le discours, à partir de la sémiotique de ligne tensive (Zilberberg, 2006 ; 2007). Nous mentionnons les compatibilités et les incompatibilités des catégories modales et aspectuelles qui, dans le discours, favorisent l'enchaînement progressif des actions et répondent à une expectation des sujets, ou qui font surgir l'imprévu. Enfin, nous observons qu'à la fois le régime implicatif, constitutif de l'exercice, et le régime concessif de l'événement, instaurant la surprise et le choc, caractérisent le texte journalistique, qui cherche à modérer ces deux régimes (Zilberberg, 2006), en les modulant avec des renvois ou des anticipations aux événements décrits dans les éditions successives du journal. Le maintien de la curiosité et la captation de la fidélité du lecteur peuvent aussi être expliqués comme un jeu tendu/tensif de ces procédures.*

**Keywords:** *aspectualisation, modalisation, événement, discours journalistique.*

---

### Como citar este artigo

Gomes, Regina Souza. Aspectualização e modalização no jornal: expectativa e acontecimento. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: ( <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es> ). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 8, Número 2, São Paulo, Novembro de 2012, p. 11-20. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 20/Novembro/2011

Data de sua aprovação: 01/Março/2012

---